



CONVERSA NA SALA DO CAFÉ

Profa. Dra. Carla Holanda da Silva¹

Por Revista Geoiingá²

É com muita satisfação e honra que lançamos uma nova seção da Revista Geoiingá. A partir deste número, teremos, na seção intitulada *Conversa na sala do café*, uma entrevista com pesquisadores envolvidos no mundo da Geografia. Este espaço tem como finalidade conhecer melhor os pesquisadores, suas contribuições, curiosidades e perspectivas acerca do espaço geográfico. Nesta primeira *Conversa na sala do café*, entrevistamos a Professora Doutora Carla Holanda da Silva, docente no curso de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus de Cornélio Procópio.

Boa leitura!

Palavras chave: Carla Holanda da Silva. Ensino de Geografia. Quilombola.



Figura 1. Profa. Dra. Carla Holanda da Silva, 2017

Fonte: Arquivo pessoal

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é professora do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus de Cornélio Procópio. E-mail: carlaholanda@uenp.edu.br. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775377U0>.

² Entrevista realizada pelo Prof. Dr. Pedro Henrique Carnevalli Fernandes, em 01 de dezembro de 2017, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus de Cornélio Procópio, em Cornélio Procópio (PR).

Revista Geoingá: Professora Carla, é com muita animação que iniciamos uma nova seção da Revista Geoingá. Queremos agradecer, imensamente, o aceite e a disponibilidade para esta entrevista, que é a primeira realizada pela Geoingá! A senhora formou-se em Geografia, em 2004, e seguiu pela pós-graduação em Geografia, defendendo o doutorado em 2013. O que mudou na sua formação desde a graduação até a titulação de doutora?

Carla Holanda da Silva: Quase tudo, o amadurecimento científico, especialmente, pois a dinâmica de pesquisa e de estudos intensificada no mestrado e, depois, no doutorado foram fases muito fortes da caminhada científica. Uma vez que, assim como diversos outros pesquisadores e pesquisadoras, as realizava e, também, já atuava na docência, primeiramente, como professora da rede básica de ensino do Estado do Paraná e, depois, na rede de Ensino Superior, na UENP. Contudo, esse processo, mesmo intenso, contribuiu muito para minha formação científica. E, quando falo que quase tudo se modificou, o que não se alterou foi o meu interesse pela ciência geográfica e pelas resistências da cultura no espaço e, também, no Ensino de Geografia.

Revista Geoingá: Na UENP, a senhora já desenvolveu um projeto acerca das reflexões na e para a formação docente em Geografia. Nossas universidades estão formando adequadamente professores para a realidade social e cultural brasileira?

Carla Holanda da Silva: As pesquisas que desenvolvi discutiam justamente a formação de professores de Geografia, no que diz respeito às relações étnico raciais e, no que tange a esse debate, percebemos que não! Os cursos de Licenciatura em Geografia, especialmente o que atuo, ainda têm muita dificuldade em realizar esse debate, pois se trata de uma discussão que, para realmente apresentar frutos na formação dos alunos, é preciso ser realizada pelo curso como um todo, em diferentes disciplinas e não apenas via eventos específicos ou em “meia dúzia” de aulas em uma disciplina. Acredito que se a resolução 02/2015, que torna obrigatório o debate, for aplicada de fato nos cursos de formação de professores, poderemos observar um novo quadro daqui alguns anos, um quadro voltado e preocupado para como uma educação antirracista em todo o seu currículo.

Revista Geoingá: Professora Carla, observamos no Paraná casos em que a cultura é rapidamente substituída pela modernidade. Em Maringá, por exemplo, a primeira rodoviária foi destruída para virar um estacionamento privado. Essa modernidade tem influenciado na cultura quilombola, por quê?

Carla Holanda da Silva: De certo modo sim! Nas pesquisas que tenho realizado junto à Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia

comunidades quilombolas, tanto em Adrianópolis, quanto em Curiúva, ambas no Estado do Paraná, as relações presentes na contemporaneidade interferem no desenvolvimento das comunidades, especialmente, no que toca o campo da cultura material, pois, especialmente, a influência das igrejas evangélicas e também de outros agentes, como organizações não governamentais e fazendeiros, tendem a fazer com que os quilombolas abafem alguns costumes tradicionais e se adequem as novas realidades, muitas vezes impostas por esses sujeitos. De modo que, essas tradições materiais apareçam apenas no campo da imaterialidade, isto é, via oralidade, via as lembranças, especialmente dos quilombolas mais vividos. Todavia, é importante ressaltar que de modo geral, principalmente no campo econômico e político, é natural que essas comunidades passem por mudanças uma vez que estão inseridas na sociedade e lutam também por essa inserção. É preciso ter a clareza que essas comunidades não vivem em “bolhas”, mas sim junto a grupos sociais em que cotidianamente lutam por seus direitos.

Revista Geoingá: Outro assunto interessante que a senhora pesquisa é o ensino das africanidades. Nossos livros, principais autores e professores negligenciam esses estudos? É um reflexo da sociedade que mascara seu preconceito? Como podemos mudar isso?

Carla Holanda da Silva: Quantas perguntas, mas vamos lá! Acredito que há sim um negligenciamento desse debate na ciência geográfica, pois ainda é um muito pontual, bem realizado por alguns teóricos da Geografia, mas pontual. Por exemplo, muitas vezes quando participo ou assisto defesas de TCC, Mestrados e Doutorados e vejo as pesquisas tratando de algumas questões como urbanização, violência, entre outras, pouco vejo dados relativos a essas realidades junto à população negra, ou seja, está sendo também problematizada, uma vez que está imersa nesses temas com dados expressivos. Assim, pouco problematizamos a população negra em nossas pesquisas, mesmo sendo temas que têm como sujeito central a pessoa negra. Essa dinâmica não ocorre apenas no âmbito da pesquisa, mas nos debates das disciplinas dos cursos, realidade que contribuiu para que esse futuro professor também se ausente do debate em sua prática docente. Dessa maneira, acredito que essa realidade de invisibilidade nos debates geográficos em seus diferentes níveis não só da população negra, mas da indígena também, logo das relações étnico raciais, é um reflexo da dinâmica social na qual estamos inseridos, que também insensibiliza esses sujeitos. Uma vez que, as academias são formadas, muitas vezes, por sujeitos brancos. Agora, quando você me pergunta como mudar a situação acredito que, mesmo diante desse quadro, estamos em processo de mudança, pois como abordei, atualmente, temos alguns teóricos de destaque nesse debate na ciência

Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia
ISSN 2175-862X (on-line)

Maringá, v. 9, n. 2, p. 179-182, 2017

geográfica nacional e que também são negros. Temos, também, a Resolução 02/2015, que torna obrigatório o debate e o fato de que aos poucos essa questão está se tornando mais potente na mídia, o que de certo modo contribui. Todavia, acredito que uma mudança mais efetiva virá quando esses estudantes negros, que tem adentrado em maior número as universidades nos últimos anos, chegarem aos concursos e cargos de docentes pesquisadores. Isto é, um dos caminhos mais relevantes para a mudança, a meu ver, é a representatividade!

Revista Geoingá: Gostaria que a senhora recomendasse um livro para nossos leitores.

Carla Holanda da Silva: Quero sugerir duas obras. Uma menos acadêmica, mas muito interessante quando desejamos entender o outro e construir empatia acerca das vivências dos sujeitos: é o livro intitulado “Na minha Pele”, de Lazaro Ramos. Tenho consciência de que o autor não é um acadêmico, mas me parece um sujeito consciente dos processos raciais presentes no Brasil e que expressa isso de modo muito enriquecedor. Entendo, também, que a vida acadêmica não é feita apenas de leituras eminentemente acadêmicas. Outras obras que indico, agora sim eminente acadêmica, são as obras do Prof. Dr. Renato Emerson Nascimento dos Santos. Este autor, para mim, é uma das referências nos debates das relações étnico raciais na Geografia e tem inúmeras obras, dentre elas: “Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o Negro na Geografia do Brasil” (2012) e “Rediscutindo o ensino da Geografia: temas da Lei 10.639” (2009). Essas podem ser leituras iniciais interessantes para esse debate.

Revista Geoingá: Professora Carla, quero agradecer pela sua atenção, pela disponibilidade e pelas contribuições valiosas. Para finalizar, gostaria que a senhora deixasse um comentário aos leitores da Revista Geoingá sobre as principais motivações para estudar o espaço geográfico.

Carla Holanda da Silva: Nossa são tantas! Mas, acredito que a principal motivação, especialmente na Geografia Humana, possa ser o interesse pelo outro, o interesse em compreender como o outro produz esse espaço, como resiste nesse espaço em meio aos processos desiguais. Assim, decifrar as dinâmicas, as relações, o espaço geográfico em si! Quero finalizar, agradecendo o convite por participar dessa nova seção da Revista Geoingá. Um abraço.